



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação



UME: EDMÉA LADEVIG

ANO: 9º B

COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA: SONIA

Nome completo do(a) aluno(a): _____

1. Leia o artigo de opinião e responda ao que se pede.

Ainda sabemos o que é real em meio a tanta desinformação?

Por Ergon Cugler (pesquisador da EACH/USP)

Fonte: Jornal da USP

Com as redes sociais repletas de notícias falsas, tem sido cada vez mais difícil decifrar o que é real em meio ao volume de mensagens que recebemos diariamente. Não à toa, em maio, uma pesquisa da Avaaz identificou que cerca de 73% dos brasileiros acreditaram em pelo menos uma notícia falsa sobre a pandemia. Mais recente, um estudo do "American Journal of Tropical Medicine and Hygiene" apontou que as informações falsas (como as de uso de supostas medicações caseiras contra a covid-19, por exemplo) foram diretamente responsáveis pela morte de pelo menos 800 pessoas, além de outras 5.800 hospitalizações. Também na margem da realidade, a "Inteligência Artificial tem sido usada para produzir as chamadas deepfakes, alterando vídeos mais realistas conforme avança a tecnologia, porém, essas deepfakes têm sido usadas maliciosamente para enganar pessoas e influenciar eleições ao redor do mundo, por exemplo.

Referência no uso de deepfake para vídeos de humor e entretenimento, o jornalista Bruno Sartori (em entrevista) reforça que "a população precisa saber que essa inteligência existe, da possibilidade de se falsificar um vídeo de forma bastante realista". Sartori vai além, "uma fake news é uma notícia contada, e a pessoa acredita. Imagine um vídeo [falso] da própria pessoa confessando um crime, dizendo uma coisa absurda?". Se antes já era necessário desconfiar de notícias falsas, agora até os vídeos que vemos podem ter sido alterados artificialmente com o objetivo criminoso de desinformar. Porém, sejam textos ou vídeos forjados, quem ganha quando a desinformação viraliza?

Quando falamos sobre fake News, é comum pensar na figura caricata daquele parente ou conhecido que espalha polêmicas nas redes. Porém, longe de serem simples obras do acaso ou tão somente espontâneas, por trás de cada fake news existem interesses diversos de grupos de indivíduos para impor suas ideias e narrativas à sociedade. Nessa linha, o escritor Giuliano Da Empoli dá o nome de "Os Engenheiros do Caos" à sua obra sobre como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e até influenciar eleições. Muito além do "tio do zap", se configura uma engenharia que forja padrões para simular inclusive uma estética com memes bombásticos e artes supostamente amadoras – levando a desinformação para potenciais vítimas que se tornam propagadoras da rede de ódio.

No entanto, ainda que as milícias digitais forcem um monopólio do uso destas tecnologias, não podemos, de forma alguma, caminhar para um debate de criminalização da tecnologia. Pelo contrário, o crime está na forma maliciosa como tais instrumentos são usados; e o desafio, portanto, está em fazer da tecnologia uma aliada no enfrentamento de tais redes profissionais de desinformação. Porém, em nível estrutural e de disputa da sociedade, como qualificar este ou qualquer debate público se as discussões ficam cada vez mais contaminadas por um ambiente pautado pela desinformação e por usuários falsos e robôs que influenciam algoritmos e mobilizações virtuais? É possível saber o que é real em meio a tanta desinformação?

Não é de hoje que a realidade está em disputa, inclusive a disputa faz parte de uma sociedade que se propõe à democracia. Em uma sociedade mais conectada, porém, o diferencial está na potência, volume e velocidade com que tais tecnologias podem propagar e impor narrativas; ou ainda nas técnicas de manipulação da realidade que um vídeo falsificado, por exemplo, pode ter ao parecer mais realista. Em muitos casos, nem é necessária tanta sofisticação gráfica, pois basta descolar contextos ou criar propositalmente confusão e incertezas no debate para que determinada pauta fique prejudicada, como aponta a professora Gabriela Lotta.

Assim, nem encarar os avanços tecnológicos como utopia, nem criminalizá-los, mas encarar cientificamente e democraticamente o desafio de se combater interesses que dissolvem a realidade diariamente em benefício próprio. Até porque mais perigoso do que acreditar em notícias falsas, é chegar ao ponto de desacreditar da realidade sem mais saber o que é real.

Fonte: CUGLER, E. Ainda sabemos o que é real em meio a tanta desinformação? Jornal da USP, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/ainda-sabemos-o-que-e-real-em-meio-a-tanta-desinformacao/>



<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-sao-modalizadores-discursivos.htm>

2. Agora, responda ao que se pede.

a. De acordo com o seu conhecimento, qual a finalidade do gênero textual artigo de opinião?

b. Você consegue identificar a opinião do autor já no título do artigo? Se sim, escreva qual é.

c. E sobre os modalizadores, o que são e qual a função deles no texto lido?

Explicação - O que é modalizador?

Modalizador – Elementos do discurso que indicam a atitude do sujeito em relação ao conteúdo de seu enunciado, como, por exemplo, expressões como “na minha opinião”, “eu acho”, “talvez”, “é possível”.

Fonte: NOVO AURÉLIO: SÉCULO XXI: o dicionário da língua portuguesa – 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999.

Os **modalizadores discursivos** são importantes elementos para a comunicação

[...]

O uso que fazemos da língua em nossas ações de comunicação é sempre mediado por intenções: explicitar certeza, dúvida, obrigatoriedade, sentimentos, entre outros. Esse propósito está tão presente em nosso dia a dia que se materializa na estrutura de nossa língua.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-sao-modalizadores-discursivos.htm>

3. Recorte do texto dois trechos que expressam a opinião do autor com a presença de modalizadores.

4. Faça o que se pede.

a. Que efeitos de sentido as expressões modalizadoras presentes nos trechos recortados por você na questão anterior agregam ao texto?

Fonte: APRENDER SEMPRE, volume 2, Língua Portuguesa e Matemática 2021.